



JEHA, Julio; NASCIMENTO, Lyslei (Org.). *Estudos judaicos: crimes, pecados, monstrosidades*. São Paulo: Humanitas, 2017. 168p.

Arranjar e desarranjar o sagrado: crime, pecado, monstrosidade

Arrange and disarrange the Sacred: Crime, Sin, Monstrosity

Rosemary Ferreira de Souza*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil

rosemaryfdesouza@gmail.com

Estudos judaicos: crimes, pecados, monstrosidades, publicado em 2017, pela editora Humanitas/USP, sob a organização de Julio Jeha e Lyslei Nascimento, reúne nove ensaios que têm como assunto central crimes, pecados e monstrosidades no contexto da tradição judaica, sobretudo, na contemporaneidade. Os ensaístas exploram os temas em questão estabelecendo interligações entre eles o que delinea situações que constituem desdobramentos das transgressões e delitos estudados, com as profundas marcas que provocam.

O estudo “Um bestiário universal na ficção de Primo Levi”, de Alcebiades Diniz Miguel, por exemplo, enfoca alguns animais na tradição literária, representando os extensos e complexos universos dos criadores de ficção, com a tendência dos bichos tornados humanos e do humano tornando-se animais, como é apresentado em Franz Kafka e Georg Orwell. Nessa perspectiva, Diniz aborda a escrita de Primo Levi, um dos pioneiros da literatura de testemunho e sobrevivente de Auschwitz. A literatura de Levi deixa vislumbrar as marcas da ironia e do humor, identificadas pelo teor da ficção reflexiva e filosófica, em que o escritor descobre um “tornar-se animal” a partir das experiências como prisioneiro judeu dos nazistas. Não se pode deixar de mencionar que há uma aproximação com Kafka no que diz respeito ao universo da ficção fantástica de Levi com tramas nesse “tornar-se animal”. No bestiário de Primo Levi, a ironia está próxima do humor e não da comédia enquanto gênero, em sua obra, o riso é quase um soluço, uma espécie de humor seco, mas ainda vívido.

O segundo ensaio, “As duas anãs em Aharon Appelfeld e Clarice Lispector”, apresenta uma sofisticada análise de Berta Waldman sobre os contos “Berta”, da coletânea *O novo conto israelense* (1978), de Appelfeld, e “A menor mulher do mundo”, de *Laços de família* (1960), de Lispector. Em ambos os contos, contracenam uma mulher e um homem, e a mulher é singularmente minúscula, anã. O conto de Appelfeld trata da questão dos que sobreviveram a Shoah. O conto de Lispector narra as consequências do encontro do explorador francês Marcel Pretre e uma mulher de quarenta e cinco centímetros do continente africano. Waldman analisa em seu texto a reificação do diferente, a sua animalização, o processo de destituição de humanidade. Enquanto Lispector cria uma

* Doutoranda em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais.



literatura que possui em seus alicerces a questão do outro, da diferença, Appelfeld apresenta a narrativa oblíqua da Shoah, em que o outro foi triturado.

No terceiro ensaio, Jacó Guinsburg, em “Dibuk: um autor, um tema e uma peça”, realiza uma arqueologia da obra-prima do teatro judaico *O Dibuk*, de Sch. An-Ski. Guinsburg afirma que An-Ski não chegou a ver *O Dibuk* em cena, porque as primeiras apresentações foram feitas após sua morte. A peça mostra a perplexidade da alma humana diante da visível presença do invisível no confronto com o destino de sua existência.

O quarto ensaio, “O Diabo em Antônio José da Silva”, escrito por Kênia Maria de Almeida Pereira, apresenta uma importante reflexão sobre a peça *Obras do diabinho da mão furada*. Nela, duas importantes vertentes se misturam, uma de expressão popular, com alusão aos saberes mágicos, nos contos picarescos, no folclore, nos ditos populares e folhetos de cordel; a outra vertente dialoga com os clássicos como *A divina comédia*, de Dante, *Dom Quixote*, de Cervantes e a *Bíblia*. Antônio José leva seu personagem a mergulhar em situações insólitas, conhecer círculos infernais com seus pecados, gemidos e atrocidades. A audácia do dramaturgo o fez ser considerado um transgressor da cultura institucionalizada, por causa das suas críticas hilárias, sua capacidade artilheira de pintar a figura do diabo capaz de atormentar os mortais, com suas peraltices e traquinagens, alfinetadas e diabruras, que iam contra as convenções do mundo cristão. Pereira finaliza seu estudo afirmando que, por aproximar os homens maus da figura do maligno, tanto em *Obras do diabinho da mão furada*, quanto em outras obras, Antônio José da Silva foi vítima da Inquisição.

No quinto ensaio, “A propaganda do crime em filmes policiais”, de Luiz Nazario, há uma aplicação do pensamento crítico do pesquisador em torno das leis raciais e do reflexo dessas leis no cinema nazista, além de fazer uma análise fundamental de alguns filmes dentro de um contexto cujo desfecho é o do crime na Shoah. Nazario pontua que no “processo de arianização, os nazistas contaram com o esperado interesse econômico “racional” de indivíduos sem escrúpulos, desejosos de ocupar os cargos, negócios e as propriedades de judeus expurgados, saqueados, confiscados”. Ao analisar alguns filmes policiais, Nazario considera alguns pontos relevantes de abordagem que acentua a narrativa policial fílmica sublinhando as separações de sangue promovidas pela arianização, além de integrar no cinema mortes violentas, crimes sem castigo, espionagem, desaparecimento, nas tramas e cenas atribuídas à temática de crimes, pecados, monstruosidades.

O sexto ensaio, “O crime na escrita: *Os anagramas de Varsóvia*, de Richard Zimler”, escrito por Lyslei Nascimento, faz referência ao conto “*Deutches réquiem*”, de Jorge Luis Borges, e a proposta “*Leveza*”, de Italo Calvino, além de apresentar uma discussão sobre o romance *Os anagramas de Varsóvia*, de Richard Zimler. A ensaísta relata que o primeiro texto, um conto de Borges, trata de um torturador nazista que na noite que antecede sua execução, rememora sua vida e sua luta pela construção do Terceiro Reich. Tortura e testemunho do suicídio de um poeta judeu, David Jerusalém, envolvem o conto denunciador de Borges.



Nascimento acrescenta que o escritor judeu não é uma mera referência a um indivíduo, mas a todos os homens vitimados pela violência. Sobre “Leveza”, ela relembra a máxima de Calvino para quem há coisas que somente a literatura com seus meios específicos pode dar. Em seguida, no romance *Os anagramas de Varsóvia*, a pesquisadora aponta para os desdobramentos da narração de uma série de assassinatos brutais de crianças, no período da segregação dos judeus em guetos na Segunda Guerra Mundial. A história narrada é de cunho policial e registra o gueto como uma ratoeira, uma caixa de torturas, um labirinto de crueldades, forma de testemunho do sofrimento humano ali perpetrado. Nascimento conclui que o crime e o assassinato são uma forma de desarranjar o mundo retirando dele o que há de sagrado.

O sétimo ensaio, de Nancy Rozenchan, intitulado “Considerações sobre o pecado em *Romance de família*, de Edna Mazya” trata de uma das muitas vertentes da literatura hebraica contemporânea. Sobre *Romance de família*, de Mazya, a pesquisadora afirma que o romance não aborda diretamente os principais eventos da Segunda Guerra Mundial na Europa, mas da segunda geração da Shoah, da reflexão sobre a vida (e seus segredos) dos sobreviventes e de suas famílias.

No oitavo ensaio, “*Adversus tolerância*”, de Ricardo Forster, há uma discussão importante em torno da adversidade à tolerância. O crítico enfatiza que há certas palavras que parecem estar fora de qualquer suspeita e sua relevância consiste na aceitação da inviolabilidade do seu significado, palavras que explicam as diferenças e podem ser apresentadas como promessa de paz quando os adversários não entram em acordo, por exemplo. Ele esclarece sobre a raiz latina da palavra tolerância, *tolerare*, suportar, aguentar algo que nos faz outra pessoa. A partir desse sentido, a palavra “tolerância” percorre um vasto caminho até encontrar seu uso atual.

O nono ensaio, “O judeu na patrística: deicida e aliado do demônio”, de Sergio Alberto Feldman, apresenta uma reflexão em torno da filosofia cristã nos primeiros séculos. Ele afirma que a convivência entre cristãos e judeus nas duas primeiras décadas era razoável. Feldman, ao analisar o judeu na obra de João Crisóstomo, afirma que a convivência entre judeus e cristãos alternava momentos de aproximação e de conflito. A partir daí, o historiador aponta para a construção do judeu como deicida e aliado do demônio no discurso e no imaginário cristão.

A coletânea de ensaios põe, assim, em relevo, algumas temas importantes da área dos estudos judaicos, mas também da literatura e da história a partir da tríade crime, pecado e monstruosidade, demonstrando como esses operadores críticos podem ampliar nosso conhecimento do mundo e do outro.

Recebido em: 01/02/2018.

Aprovado em: 02/03/2018.